

Reavivamento da Rua Azusa e Pentecostalismo

Prof. Herman C. Hanko

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto*

Parte 1[†]

Introdução

Embora o movimento Pentecostal seja de origem bem recente, a heresia que o movimento promove tem precedentes antigos. Salomão usa como tema em Eclesiastes o provérbio: “Nada há de novo debaixo do sol” (Ec. 1:9). Essa verdade também se aplica ao Pentecostalismo.

Na igreja primitiva surgiu o erro do Montanismo, que, embora não seja semelhante ao erro de hoje em todos os aspectos, foi todavia um predecessor do Pentecostalismo. Os montanistas foram seguidos por seitas místicas de todos os tipos que apareceram por toda a Idade Média, quando a igreja foi escravizada pelo Catolicismo Romano. Mesmos os Reformadores não ficaram livres do erro irritante dos Anabatistas, que, em sua teologia, se assemelhavam aos Pentecostais de muitas formas.

Todavia, nenhuma dessas várias seitas era totalmente parecida com o Pentecostalismo moderno. Talvez uma das principais características distinguidoras do Pentecostalismo de hoje é sua natureza ecumênica. Quase sempre, quer tolerados na igreja (como foram as seitas místicas da Idade Média) ou declarados como sendo sectários e heréticos (como era verdade dos montanistas e anabatistas), esses grupos estavam separados da igreja. Hoje o movimento é mais como um espírito amorfo que entrou na religião de muitas pessoas. O movimento não está organizado em corpos eclesiásticos, mas se infiltrou em quase toda denominação. E é para a vergonha dessas denominações, algumas das quais alegam ser Reformadas, que elas abrigam em seu meio e dão aprovação tácita, se não oficial, a um erro mortal.

O Pentecostalismo é uma ameaça grave à igreja e será a morte dela, e menos que seja erradicado.

A História do Pentecostalismo

Após a Guerra Civil (1861-1865) as igrejas na América emergiram dessa luta gigantesca numa forma muito diferente daquela dos dias da “religião de fronteira”. A

* E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2007.

† Fonte: *The Standar Bearer*, Volume 83, Issue 3, Novembro de 2006.

diferença era principalmente em mais controle organizacional e eclesiástico da vida da igreja, mais religião formal e orientação intelectual. Antes da Guerra Civil, a religião de fronteira era livre de quaisquer restrições organizacionais, era mais emotiva do que intelectual, e não tinha nenhum credo básico definido. Após a guerra, isso mudou. E foi em resposta ao que muitos chamam de morte e frieza dessas igrejas pós-guerra que o “Movimento de Santidade” surgiu, que colocava sua ênfase na experiência interior da religião, santificação e proximidade de Deus.

No começo dos anos 1900, Charles Fox Parham, um professor do *Bethel Bible College* em Topeka, Kansas, tornou-se crescentemente insatisfeito com a frieza e formalidade das igrejas da região. Ponderando sobre o assunto, Parham chegou à conclusão que o problema residia no fato que as igrejas tinham se afastado da simplicidade e fervor religioso da igreja primitiva em Jerusalém. Conseqüentemente, ele começou a ensinar pessoas e ministros a orarem por um retorno do Espírito e uma renovação da bênção Pentecostal.

Uma mulher por nome Agnes N. Ozman, estudante de Parham, alegou que em 1 de Janeiro de 1901 recebeu o batismo do Espírito Santo e começou a falar em línguas.

Parham e seus discípulos, encorajados por essa resposta evidente às suas orações, começaram, em 1905, a pregar a nova descoberta deles por todo o sudoeste dos Estados Unidos. Eles logo conquistaram uma grande multidão e começaram a formar grupos de pessoas com idéias afins para orar por renovação divina. No centro do distrito industrial de Los Angeles, Califórnia, havia uma pequena igreja de tábuas na qual os metodistas uma vez fizeram os seus cultos. Estava localizada na Rua Azusa 312, e chamava-se Missão Evangélica da Fé Apostólica (*Apostolic Faith Gospel Mission*). Era liderada por um negro (que tinha só um olho) por nome William Seymour. Ele era um antigo pregador do Movimento de Santidade, que tinha sido influenciado por Parham. Numa reunião pública em 1906, o Pentecostalismo como uma religião nacional e mesmo internacional começou. O grupo que adorava na Rua Azusa experimentou um derramamento do Espírito que foi uma repetição, assim foi alegado, de Pentecoste. As pessoas sobre quem o Espírito veio começaram a falar em línguas.

A igreja ministrava a toda classe e raça de pessoas, e logo se tornou uma Meca para pessoas de todo o país. Essas pessoas, participando do derramamento especial do Espírito na casa de reunião da Rua Azusa, foram para as suas casas espalhando a palavra de que outro Pentecoste tinha finalmente chegado. O movimento espalhou-se rapidamente, e cresceu em grandes passos. Era o princípio do Pentecostalismo.

Seu Caráter

O Pentecostalismo não é uma denominação, nem um grupo organizado de igrejas com uma confissão e administração comum. Ele sempre foi e ainda é um movimento.

Isso não significa que não existam igrejas que se tornaram totalmente pentecostais em sua doutrina e vida eclesiástica. As denominações mais conhecidas são as seguintes: a Igreja de Deus, com sua ênfase sobre a santidade, e que é provavelmente a única igreja

que pratica a lavagem de pés; as Assembléias de Deus; a Igreja de Deus em Cristo; a Igreja Pentecostal da Santidade; a Igreja Pentecostal de Deus na América; a Igreja Pentecostal Unida; e a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, da qual Aimee Semple McPherson foi a fundadora.

Mas o Pentecostalismo lembra mais um movimento com algumas características comuns, embora na prática grandes diferenças existam entre grupos diferentes. Em outras palavras, ele é um movimento que se infiltrou em muitas denominações, e embora essas denominações difiram radicalmente entre si na doutrina, história, adoração e governo de igreja, elas são, quase sem exceção, abertas à presença do Pentecostalismo em seu meio. De Católicos Romanos a denominações Reformadas e Presbiterianas, as igrejas da Reforma têm visto esse movimento favoravelmente.

Parece que a força mais poderosa levando ao ecumenismo e a união de todas as igrejas numa única super-igreja é o movimento pentecostal.

O movimento é conhecido por diferentes nomes. Alguns dos mais conhecidos são: Movimento da Rua Azusa; o Movimento Carismático (tomado do fato que os dons do Espírito mencionados por Paulo em 1 Coríntios 12 são chamados de *charismata*); o Movimento da Segunda Bênção; e o Batismo do Movimento do Espírito.

O Pentecostalismo é extremamente apelativo aos membros de igreja de hoje. Seu apelo é também o seu engano. Quando a igreja como é manifesta no mundo perde o poder da pregação viva da Palavra, ela incorre numa dívida que tem de ser paga de alguma forma. A dívida é incorrida pela perda de uma fé viva nos membros e pelos cultos de adoração que são formais, frios, sem vida e insatisfatórios. Existe um vácuo criado na vida das pessoas, o qual quase tudo que é apelativo pode preencher como um vento poderoso. O vácuo deixado pela pregação tediosa e sem vida foi preenchido pelos tempestuosos ventos do Movimento Pentecostal. A dívida foi paga pelos carismáticos.

Coloque nisso a realidade da vida na América do século vinte, na qual as pessoas começaram a enfatizar mais e mais a necessidade de sentir-se bem. Sob a liderança de pregadores poderosos que falavam sobre auto-imagem positiva, sentir-se bem consigo mesmo, o poder do pensamento positivo, etc., um “evangelho sintá-se bem” era mais e mais atrativo para pessoas que achavam muito difícil pensar um pouco e que eram muito preguiçosas intelectualmente para dominar até mesmo os rudimentos da fé cristã.

Parte 2[‡]

Os Ensinos do Pentecostalismo

O próprio cerne da religião pentecostal é a doutrina da segunda bênção, ou, como é algumas vezes chamada, o batismo com o Espírito Santo. Quando a maioria das pessoas pensa no Pentecostalismo, logo vêm à mente aquelas longas filas de pessoas aguardando para serem curadas, falando em línguas, cantando com ritmo e bater de palmas, e encontros desordenados com muita gritaria, muitos “Aleluias”, e até mesmo rolar no chão. Mas essas práticas não nos dizem o que o Pentecostalismo realmente é. Em seu cerne reside a doutrina da segunda bênção.

Essa doutrina ensina que um filho de Deus, regenerado, convertido, crente, santificado, e andando na vereda de sua peregrinação, está num nível mais baixo de salvação que deveria estar, pois não recebeu tudo o que está disponível para ele em Cristo. Deus intenta para ele mais do que esse status relativamente baixo. Ele deve receber a segunda bênção.

Embora o Espírito Santo de Cristo já tenha operado em seu coração a obra de salvação, ele pode e deve aspirar maiores bênçãos e um nível mais alto de piedade, conseguível somente quando for batizado com o Espírito Santo. Na sua conversão ele pode ter sido salvo pelo Espírito Santo, mas precisa de mais: o batismo com o Espírito Santo. Quando foi convertido, ou quando um infante, o batismo com água pode ter sido administrado a ele, mas outro batismo é requerido.

Esse batismo com o Espírito algumas vezes vem inesperadamente, especialmente quando um indivíduo está buscando-o ativamente por meio da oração. Mas com maior frequência ele vem através da ministração de outros, que impõem suas mãos no indivíduo e oram pela segunda bênção.

Freqüentemente, essa segunda bênção do batismo com o Espírito é acompanhada por algum comportamento estranho, que é também característico de encontros de reavivamento. Os dois têm muito em comum, pois encontros de reavivamento são conduzidos com o propósito de buscar derramamentos especiais do Espírito, a fim de trazer renovação a uma igreja morta. Tais reavivamentos são acompanhados por comportamentos bizarros de todos os tipos. Em alguns círculos pentecostais, tais comportamentos também acompanham a segunda bênção.

Uma pessoa que recebe essa segunda bênção recebe também subitamente dons especiais chamados de *charismata*, segundo a descrição de Paulo de tais dons em 1 Coríntios 12:4. Dessa palavra vem o nome Movimento Carismático. Esses dons incluem o falar em línguas desconhecidas, capacidade de realizar milagres, o dom de profecia, e os dons de interpretar profecia e línguas desconhecidas. Em alguns círculos pentecostais mais radicais, os dons incluem também o manusear cobras peçonhentas. Como justificativa para essa última prática, apelos são feitos a Marcos 16:18.

[‡] Fonte: *The Standar Bearer*, Volume 83, Issue 5, Dezembro de 2006.

A segunda bênção, ou batismo com o Espírito, é, na teoria do Pentecostalismo, uma repetição do primeiro Pentecoste e um cumprimento contínuo da profecia de Joel, que Pedro citou naquele dia em seu sermão.

Críticas do Pentecostalismo

O Pentecostalismo é uma ameaça perigosa à igreja de Cristo, que tem o chamado para apegar-se à verdade revelada na Palavra de Deus. Podemos medir o afastamento espiritual e teológico de grande parte da igreja mundial, no fato do Pentecostalismo ser tolerado e aprovado dentro das igrejas Reformadas e Presbiterianas. Ele é um movimento destrutivo que contradiz a doutrina da Escritura sobre a obra do Espírito Santo, e beira à blasfêmia contra o Espírito Santo, se não o for realmente.

Mencionamos aqui, de certa forma brevemente, as objeções ao Pentecostalismo que procedem dos ensinamentos da Escritura.

O Pentecostalismo é seriamente errôneo quando fala da segunda bênção ou batismo com o Espírito Santo como um poder para trazer o filho de Deus a um nível mais alto de espiritualidade e piedade. Ao fazer isso, o Pentecostalismo desdenha a vida ordinária do cristão que diariamente cumpre o seu chamado na sua vida no lar, na igreja ou nos negócios. Essa luta diária contra o pecado, essa batalha constante para viver em obediência a Deus, essa disposição em carregar a sua cruz com paciência, tudo isso e muito mais que pertencem à vida do cristão no mundo, é desprezado e denegrido. Tal cristão é, aos olhos do Pentecostalismo, um cristão de segunda classe, que não alcançou o nível mais alto, nobre e espiritual de piedade e experiência cristã que pertencem à “elite espiritual”. Tal classificação perversa de cristãos cheira a farisaísmo.

O Pentecostalismo fala de dons do Espírito que pertencem ao período apostólico. Isso é um erro sério. Carece completamente de um entendimento do propósito dos dons especiais. Deus deu dons especiais à igreja primitiva como sinais da verdade do evangelho. Isso foi necessário porque as Escrituras não estavam escritas ainda, e aqueles que eram trazidos, pela pregação do evangelho, à fé em Cristo, não tinham a Escritura completa com a qual comparar os ensinamentos dos apóstolos, a fim de determinar sua verdade. Eles não podiam fazer perfeitamente o que os cristãos bereanos[§] fizeram em partes: examinar as Escrituras para ver se as coisas eram assim. Mas quando as Escrituras foram completadas, a necessidade de sinais e maravilhas cessou. A igreja tinha a Palavra de Deus escrita. Isso não era apenas suficiente, mas muito, muito melhor que sinais e maravilhas. Na realidade, amparar-se em sinais e maravilhas como uma parte necessária da vida do cristão é falar com desprezo da Palavra de Deus na Bíblia. É dizer que a Bíblia não é suficiente; algo mais é necessário. É fazer o que o homem rico no inferno queria quando implorou a Abraão que enviasse Lázaro aos seus irmãos, pois um fantasma dentre os mortos faria o que a Bíblia não podia fazer. Que os pentecostais ouçam as palavras de Abraão ao homem rico: “Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite” (Lucas 16:31).

[§] “... de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim” (Atos 17:11).

Que os pentecostais ensinam a importância dos sinais e maravilhas não é estranho. Eles realmente não crêem na suficiência da Escritura. Eles querem adicionar algo, em contradição às palavras da própria Escritura em Apocalipse 22:18.** Eles querem profecias, revelação adicional através daqueles que falam em línguas, palavras especiais da parte de Deus por meio de revelações especiais. Não me surpreenderia se algum dia o Pentecostalismo produzisse uma Bíblia adicional.

O Pentecostalismo permanece na tradição do misticismo. Não preciso falar sobre isso, pois já abordei o misticismo num artigo anterior. Mas que seja dito, embora brevemente, que o misticismo dos pentecostais permanece na tradição do misticismo horrível que apareceu ao longo das eras na igreja, desde o movimento montanista no terceiro século. O cristão que alcançou um nível mais alto da vida cristã chegou a uma comunhão direta e imediata com Deus através de profecias, visões, sonhos, revelações especiais e outras experiências místicas.

O misticismo tende a ignorar Cristo, pois fala de comunhão direta com Deus em encontros com Deus que são caracterizados quase inteiramente por êxtase espiritual, experiências altamente emocionais, encontros indescritíveis com o divino, e um voar da alma aos reinos celestiais que imergem a pessoa no ser divino. Aqui é onde o Pentecostalismo e o reavivalismo se encontram. Líderes de reavivamento falam de encontros diretos com o Deus triúno, no qual eles falam com Deus, discutem com ele vários assuntos, recebem de Deus várias informações que por sua vez eles comunicam aos outros. Evan Roberts, a principal figura no reavivamento galês de 1904-05, falou de suas conversações com Deus, a duração das quais ele marcava olhando de relance para um relógio à medida que a conversação prosseguia.

O Pentecostalismo é mortalmente místico e nega que o único caminho para o Pai seja através de Cristo. Cristo é apresentado nas Escrituras, e somente nessas Escrituras conhecemos a Cristo, e conhecendo a Cristo, conhecemos a Deus. Mas esse conhecer de Deus através de Cristo revelado na Escritura é uma apreensão intelectual da verdade da Escritura, e nunca uma revelação à parte das Escrituras. A vida eterna é, de acordo com Jesus em sua oração sacerdotal, *conhecer* a Deus como o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem ele enviou.

Finamente, tanto o Pentecostalismo como o misticismo têm um entendimento incorreto do Pentecoste. O Pentecoste foi o derramamento do Espírito Santo sobre a igreja, que marcou o fim da velha dispensação e o começo da nova. Pois, de acordo com João 7:39, o Espírito Santo, como o Espírito do Cristo assento ao céu e glorificado, não existia no Antigo Testamento. (Veja também Atos 2:33). A nova dispensação difere da velha em aspectos significantes por causa da presença do Espírito na igreja. Na velha, a igreja estava limitada aos judeus; na nova, a igreja é reunida de todas as nações da terra. (Por conseguinte, o sinal de falar em línguas). Na velha, os crentes eram totalmente dependentes dos profetas, sacerdotes e reis para conhecer a vontade de Deus; na nova, os

** “Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro”.

crentes têm o Espírito e não têm “necessidade de que alguém os ensine” (1 João 2:27; Hb. 8:10 ,11). Na velha, a revelação de Deus era limitada a tipos e sombras, que capacitava os santos a conhecer somente em parte; na nova, os crentes são guiados, através do Espírito, a toda verdade (veja João 14, 15, 16) e são capazes de entender as coisas que não entendiam antes. Os apóstolos que, mesmo no Monte das Oliveiras no momento em que Jesus subia ao céu, ainda estavam esperando um reino terreno (Atos 1:6), um entendimento equivocado baseado na falha deles em entender a obra de Cristo sobre a cruz, subitamente, após o Espírito ser derramado, entenderam tudo isso claramente; e Pedro foi capaz de pregar um sermão extraordinariamente inteligente, no qual apresentou o pleno significado da salvação consumada e perfeita de Cristo em sua cruz, ressurreição, ascensão e no seu derramar do Espírito.

O Pentecoste foi um evento de uma vez por todas. Os pentecostais e reavivalistas, que falam de Pentecostes repetidos em derramamentos especiais do Espírito, pecam grandemente em negar o significado e significância desse glorioso evento de quase 2.000 anos atrás.

O Pentecostalismo, por ser encontrado na maioria das denominações, pode muito bem ser um fator unificador num falso ecumenismo que eventualmente unirá a igreja no serviço da besta.